

# JORNAL

DO

# CONSERVATORIO.

N.º 4 )

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS.

(DEZEMBRO 29, 1839.)

## JORNAL DO CONSERVATORIO.

É hoje um dos ultimos dias do anno de 1839; anno que bem póde considerar-se como o primeiro de uma cadêa de regeneração para a arte dramatica em Portugal. Ja em um dos nossos anteriores Numeros fizemos uma enumeração das peças, que, nesse curto prazo, nos vieram enriquecer a litteratura, animar a scena, e deleitar o curioso publico, sempre avido de novas producções, e apreciador, mais que d'outras, das nacionaes: novas reputações litterario-dramaticas começaram a surgir e a medrar e outras, e muitas, se verão ir apparecendo no porvir, por que as letras vão-se tornando necessidade, e a scena vai atrahindo a si todas as letras.

A arte comtudo, bem como a natureza, é successiva no seu curso, e não póde de um salto salvar grandes distancias. — Como se verá pelo documento que em seguida trasladamos, seis premios foram propostos para aquellos dramas originaes portuguezes que neste anno de 1839 fossem pelo Conservatorio julgados dignos dessa subida distincção; não passam todavia de quatro os que mereceram ser admittidos ás provas publicas, e no final concurso ver-se-ha quaes devem considerar-se como *definitivamente premiados* pela concurrencia do juizo do Conservatorio e dos votos do publico.

Cumpre todavia lembrar que mesmo aquelles dramas que não merecem a ultima approvação já devem considerar-se como assaz qualificados pelo simples facto de haverem sido julgados dignos de affrontar as provas publicas: — e effectivamente, essa foi a mente dos legisladores, estatuindo que o auctor de um drama admittido pelo Conservatorio ás provas publicas recebesse do Emprezario do Theatro Normal a quantia de 50\$000 reis ou de 36\$000 conforme a peça fosse de tres a cinco, ou de um a trez actos: — e assim se tem cumprido com os dramas — O EMPAREDADO — OS DOUS RENEGADOS — D. SISNANDO — e O CAMÕES DO ROCIO.

### INSPECÇÃO GERAL DOS THEATROS.

João Baptista d'Almeida Garrett, Inspector Geral dos Theatros e Espectaculos Nacionaes, por Sua Magestade Fidelissima, que Deus guarde, etc. etc.

Faço saber que em virtude do Real Decreto de 12 de Outubro de 1838, que regulou a adjudicação dos subsidios ao Theatro Nacional Normal de Lisboa, e pela escriptura celebrada com o Emprezario do mesmo Theatro, ficou elle obrigado a ter á disposição do Conservatorio Dramatico a somma necessaria para serem premiados, neste anno de 1839, seis Dramas Originaes Portuguezes, a que pelo dito Conservatorio sejam adjudicados os premios.

Tres premios são destinados ás Peças grandes de tres, ou mais actos, sejam Tragedias, Comedias, ou Dramas Historicos.

A Peça que nesta classe for coroada, ou approvada em primeiro gráo, obterá o premio de 96\$000 reis.

A Peça que nesta classe obtiver o *accessit*, receberá o premio de 50\$000 reis.

Os outros tres premios são destinados ás Peças pequenas de um, ou dous actos.

A Peça que nesta classe for coroada, ou approvada em primeiro gráo, obterá o premio de 64\$000 reis.

A Peça que nesta classe obtiver o *accessit*, receberá o premio de 36\$000 reis.

O Concurso a estes premios foi regulado pela maneira seguinte, em Conferencia geral do Conservatorio Dramatico de 24 do corrente mez de Fevereiro.

Artigo I.º Toda a Composição Dramatica que houver de concorrer aos premios, será remetida em sobrescripto ao Inspector Geral dos Theatros, e acompanhada de uma Cedula fechada, e lacrada separadamente, a qual deve conter o titulo da Obra, e o nome do Auctor.

§ 1.º O sobrescripto da Composição Dramatica trará tambem por fóra o titulo da Obra, e o numero das folhas do Manuscrito.

§ 2.º Um número, ou qualquer outro signal, escripto exactamente do mesmo modo, assim no sobrescripto da Peça Dramatica, como no sobrescripto da Cedula fechada, serve a identificar uma com outra.

§. 3.º O sobrescripto da Peça Dramatica, depois de assignado pelo Secretario do Conservatorio, será devolvido ao portador para servir de titulo de reclamação.

Art. II. Apenas recebida a Peça Dramatica o Inspector Geral reunirá o Conservatorio, e publicamente fará tirar á sorte os nomes de tres Jurados da Secção de Bellas Lettras, os quaes em commissão pocerão ao exame e censura da Obra.

Art. III. A Commissão apresentará dentro de oito dias, o seu Parecer, declarando se acha, ou não, na Peça censurada, merito sufficiente, para ser admittido ás provas publicas.

Art. IV. Entregue o Parecer ao Inspector Geral, serão convidados todos os Membros do Jury a examinar o dito Parecer, bem como a Composição a que se refere; e para este effeito estarão ambos patentes, por espaço de quinze dias, na Secretaria.

Art. V. Se durante este prazo o Auctor quizer fazer algumas alterações no seu Drama, deverá remette-las, em carta fechada, ao Inspector Geral, pelo mesmo modo prescripto no Art. I.

Art. VI. No decimo-sexto dia, depois da emissão do Parecer se reunirá o Jury, e em conferencia publica se procederá á leitura e discussão delle.

§. unico. Fechada a discussão se decidirá, por escrutinio secreto, á pluralidade de votos, se o Parecer deve ou não ser approvedo.

Art. VII. A Secção de Bellas-Artes do Conservatorio pôde tomar parte na discussão; mas não é convidada a votar sobre objectos exclusivamente dramaticos.

Art. VIII. Decidindo-se que o Drama merece ser admittido ás provas publicas, ou que o ficará merecendo-se o Auctor se sujeitará algumas alterações que se proponham, lançar-se-ha esta declaração no fim do Manuscripto, e este será rubricado em todas as suas folhas pelo Secretario.

§. 1.º A Peça assim legitimada será remettida ao Empresario do Theatro Normal para ser representada.

§. 2.º O inspector Geral, apenas lhe for apresentado o sobrescripto, que serve de titulo de reclamação, lavrará nelle ordem ao portador para lhe ser paga pelo Empresario a quantia de cincoenta mil reis, se a Peça for de tres ou mais actos, ou a quantia de trinta e seis mil reis, se a Peça for de um ou mais actos.

Art. IX. Se a Obra for rejeitada, tanto o Manuscripto, como a Carta fechada serão entregues á pessoa que apresentar o titulo de reclamação,

§. unico. Se o Auctor de uma Peça rejeitada a quizer emendar e corrigir, pôde voitar com ella ao concurso, e sobre a mesma se procederá como se fôra uma nova composição.

Art. X. O Empresario do Theatro Normal é obrigado a fazer representar as Peças assim admittidas, pelo menos, tres vezes.

§. 1.º O Auctor ou proprietario da Peça não pôde retira-la da scena, sob pretexto algum, durante todo o anno corrente.

§. 2.º O Auctor ou proprietario da Peça não tem direito a exigir do Empresario, pelas tres primeiras recitas, retribuição alguma.

§. 3.º Em todas as outras recitas, se as houver, só poderá exigir os direitos de Auctor, que ordinariamente se pagam em cada noite, seguindo-se o que por uso geral está estabelecido, em quanto por Lei não forem regulados os referidos direitos de Auctor.

Art. XI. Depois da terceira representação, o Auctor fará depositar no Conservatorio uma cópia fiel do seu Drama; e não o cumprindo, ficará excluido do conceito a que no fim do anno se tem de proceder.

Art. XII. Se durante os ensaios o Auctor julgar indispensavel alguma modificação na distribuição das partes do seu Drama, expô-lo-ha por Escripto á Inspeção Geral, para que, sendo possivel, e não contrariando as conveniencias theatraes, se satisfaça ao seu pedido.

Art. XIII. No fim do anno corrente, em conferencia geral do Conservatorio, se procederá á eleição, por escrutinio secreto, de uma Commissão de cinco Jurados da Secção de Bellas-Letras, a qual será encarregada de examinar as Peças representadas, e propor d'entre ellas as que julgar dignas da totalidade do premio.

§. 1.º A Commissão reconsiderará escrupulosamente o merito das Peças, e formulará um relatório em que exponha o effeito que fizeram na scena, e acolhimento que houveram do Publico, as emendas ou correções que o Auctor lhes tinha feito, e o conceito bem ou mal fundado que dellas fizeram os litteratos, ou a imprensa.

§. 2.º Tanto o Relatório, como as Peças a que elle se referir, estarão patentes na Secretaria do Conservatorio, por espaço de quinze dias, para serem examinados por qualquer Membro do Jury.

Art. XIV. Se no decurso do anno corrente apparecer no Theatro Normal algum Drama Original, de qualquer genero, que sem ter sido previamente submettido ao juizo do Conservatorio, obtenha manifesto applauso, e favor publico, o Inspector Geral fará sobre isso Relatório circunstanciado, que, com a referida Peça, ou Peças, será entregue á Commissão dos cinco, de que tracta o Art. XIII, para haverem de ser por ella considerados, e examinados, como se tivessem passado pelo juizo prévio da Commissão dos tres.

§. unico. E não havendo já á disposição do

Conservatorio a somma necessaria para satisfazer ao premio que esta Peça, ou Peças, se julgue merecem, será o dito premio satisfeito pelo primeiro dinheiro do anno seguinte.

Art. XV. No decimo-sexto dia depois da emissão do Parecer da Commissão dos cinco, se convocará o Jury para ser lido e discutido o dito Parecer, e se approvar ou alterar, segundo fôr decidido pela maioria dos votos.

§. 1.º Concluida esta ultima votação, se procederá em acto continuo á abertura das Cédulas, e serão proclamados os nomes dos Auctores cujas Peças foram coroadas, ou obtiverem o *accessit*.

§. 2.º Aos Auctores de Peças coroadas, ou ás pessoas a quem elles, por qualquer modo, tenham transferido seus direitos, se entregará ordem para receberem do Empreziario a somma complementar do primeiro premio.

Por tanto, deu por aberto o Concurso aos referidos premios. E para que cheguem estas disposições ao conhecimento de quem convier, se affixará o presente nas portas do Conservatorio, e será inserto no Diario do Governo.

Lisboa, e Inspecção Geral dos Theatros e Espectaculos Nacionaes, 26 de Fevereiro de 1839. = (Assignado) *João Baptista de Almeida Garrett*. = Está conforme = O Secretario, *Rodrigo José de Lima Felner*.

EXTRACTO DA SESSÃO DO CONSERVATORIO DE  
DOMINGO 22 DO CORRENTE.

Abriu-se a Sessão na volta do meio dia, e feita a chamada, acharam-se presentes 26 membros effectivos do Conservatorio. — Foi lida, e approvada com ligeiras emendas de redacção a acta da Sessão antecedente.

O Sr. Presidente deu parte de que S. Magestade EL-REI DOM FERNANDO. Se Dignara aceitar a PRESIDENCIA, e PROTECTORADO do Conservatorio, que, em consequencia da resolução unanime adoptada na Sessão precedente, fôra offercida a Sua Magestade. — O Sr. Presidente declarou que S. Magestade o encarregara a elle Presidente de fazer as suas vezes em quanto o mesmo Augusto Senhor não vinha preencher as funcções do Cargo que lhe fôra offercido, e Acecitara.

Propoz em seguida S. Ex.ª que se votassem agradecimentos aos membros do conservatorio que tinham executado varias peças de musica no Beneficio do mesmo no Theatro Normal Nacional, e que se fizesse honroza e especial menção do obsequio prestado ao Conservatorio no referido Beneficio pelo muito distincto artista o Sr. *Langlois*. Assim se resolveu, e igualmente por aclamação que o Sr. *Langlois* fosse con-

siderado desde este dia membro de merito do Conservatorio.

Tractou-se seguidamente do provimento do logar de Substituto do Professor da Aula de Dança, e saíram sorteados para a sua adjudicação os Srs. *Antonio Porto Cezar Perini*, *J. F. d'Assis*, e *Andrade, Alexandre Herculanu*, *Luiz Montani*, *Augusto F. de Castilho*, *D. José M. C. de Lacerda*. Não se havia apresentado nenhum outro concorrente ao logar a prover senão a Sr.ª MORENO. — A commissão do Jury retirou-se para deliberar, e passados vinte minutos voltou com a resolução affirmativa, segundo a qual declarava a Sr.ª MORENO nas circumstancias de ser proposta a S. Magestade para o logar a que concorrera.

O Sr. Presidente ponderou então ao conservatorio que em conformidade da lei, naquella Sessão deveria proceder-se ao julgamento definitivo das peças dramaticas a premio, e que no decurso do anno haviam sido admittidas ás provas publicas. Acrescentou porem que lhe parecia que não se achava presente um numero assaz consideravel de membros de Conservatorio, e que por isso julgava ser conveniente que ficasse este negocio para ser tractado na seguinte Sessão. Assim se decedin.

Suscitou-se uma breve discussão acerca do modo de resolver o parecer da commissão sobre as tres propostas offercidas para a empresa do Theatro de S. João da Cidade do Porto, que era o objecto de que principalmente se devia tomar conhecimento nesta Sessão. Tomaram parte na discussão os Srs. *Leal*, *Lacerda* e *Assis d'Andrade*. O Sr. Presidente propoz então — Se por ventura se devia nomear uma Commissão do Jury para examinar o parecer da Commissão permanente encarregada do exame do cumprimento das estipulações dos Theatros nacionaes &c. ? — Resolveu-se que sim.

Propoz mais — Se os membros da Commissão permanente deviam fazer parte da nova commissão ? — Resolveu-se que não.

Propoz enfim — Se o relator daquella commissão, o Sr. *Lacerda*, devia concorrer á commissão que vinha de ser nomeada para dar quaesquer esclarecimentos que se houvessem por necessarios ; e se os proponentes ali deviam ser chamados, a fim de serem ouvidos a respeito do que a Commissão entendesse opportuno ? — Resolveram-se affirmativamente ambas as partes deste quesito.

Procedeu-se de seguida ao Sorteamento dos membros da Commissão, que se concordara fosse de 5 membros, e foram nomeados os Srs. *Castilho* (*Antonio*) *Manoel Innocencio dos Santos*, *J. F. d'Assis* e *Andrade*, *Cezar Perini*, e *Manoel J. dos Sgntos*. — A Commissão se retirou para deliberar, e o Sr. Presidente suspendeu a Sessão pelas 2 horas e um quarto.

Por volta das 4 horas voltou a Commissão,

trazendo promptos os seus trabalhos, e progrediu a Sessão, lendo o Presidente da Comissão, o Sr. *Assis* o preceito da mesma, o qual se redizia a que se adoptasse o parecer da Comissão permanente com as novas declarações feitas pelos proponentes. A Comissão permanentemente analysava no seu parecer as tres propostas que haviam concorrido, e preferia ás da companhia *Fonseca*, e da companhia *Lombardi*, a da Sociedade *Carradori* por ser mais vantajosa para o publico e para o Conservatorio. Exigia com tudo a Comissão permanente algumas declarações, e o representante da Sociedade *Carradori* a todas ellas se sujeitou, como previamente tinha declarado. O representante da companhia *Lombardi*, em consequencia de explicações que se lhe pediram, declarou que se sujeitaria ás mesmas condições, de modo que as duas propostas se acharam em identidade de circumstancias.

Excitou-se alguma discussão á cerea do modo de resolver o negocio, o que deu logar a varias reflexões dos Sr.<sup>s</sup> *Castilho*, *J. Jordani*, *Lcal*, e *Lacerda*, observando este Sr. entre outras cousas o grave inconveniente de ouvir os proponentes no acto de se resolverem as propostas, pois da lei vinha especialmente a difficuldade em que o Conservatorio se achava. Depois de diversas reflexões o Sr. *Lacerda* lembrou que seria talvez conveniente remetter a decisão definitiva deste negocio ao governo, relatando-se-lhe com miudeza o estado da questã. Esta lembrança foi geralmente apoiada, e fazendo o Sr. Presidente a proposta neste sentido ao Conservatorio, assim se resolveu.

O Sr. Presidente levantou a Sessão eram quasi cinco horas da tarde.

## DA ARTE

### (FRAGMENTOS.)

#### I

EM uma tarde do estio, á hora da luz incerta e saudosa, que extrema o dia da noite, quando uma aragem fresca sussurra suavemente pelo matto rasteiro da campina, ouvia-se ainda o gemer dos feridos, e o arranco dos moribundos nos plainos d'Aljubarrota. Pelejara-se nesse dia a grande batalha da liberdade desta terra portugueza. Um soldado, com as armas rotas e tinctas em sangue, estava em pé voltado para o occidente, onde o sol deixava, sumindo-se, uma longa faixa vermelha. Olhava para lá fido, como se na magestade do crepusculo houvesse uma harmonia com o que se passava na sua alma. De repente crusou os braços com ancia, como quem retinha o coração. Os ayambrages da armadura tiraram um som pro-

fundo das solhas de ferro que lhe cobriam o peito; e pelas faces escoaram-lhe duas lagrymas, daquellas, que, a taes horas, em campina deserta, ou no cimo de montanha selvosa, mais de um poeta tem derramado, e cuja lembrança elle guarda com ciume no thesouro das suas recordações.

Este soldado era *APFONSO DOMINGUES* o futuro architecto da Batalha, em cuja mente de Artista começava a avultar a concepção daquelle rei dos monumentos, ao escutar o brado da consciencia, que lhe dizia:

Poeta do marmore, ouviste antes da pelega o voto do Mestre d'Aviz? Ergue-te! — que te pede o seu monumento a gloria da patria. O teu nome não morrerá! —

Foi diante da imagem ideal do templo da Santa Maria, e impellido pelo pensamento da gloria nacional, que o bom soldado d'Aljubarrota apertou com ancia o peito, e deixou fugirem-lhe duas lagrymas pelas faces, onde batia, por entre sombras, a luz avermelhada e frouxa do ultimo clarão do dia.

... Era em um aposento gothico. Per uma fresta ponteaguda, e estreita, mas alta, os raios do sol do meio-dia, coados por um candel, que tomava todo o vão da fresta, vinham allumiar com branda claridade uma tela alvacentada que estava retesada sobre um cavallete. Ao pé via-se uma pallieta e alguns pinceis espalhados sobre um bafete de lavor barbaro, seguindo as regras imprescriptiveis da marenaria classica; isto é, esculpido de bestões, e com os pés torneados em espira. Ao lado do aposento sobre uma especie d'altar estava um crucifixo, e diante d'elle um vulto de joelhos, que orava, e que exclamou por fim, com o accento de convicção profunda.

— Jesus, Jesus, tu és o Verbo! — tu és a Sabedoria! A sciencia humana, comparada com a tua, é mais escura que as trevas, mais mesquinha que a sorte de um condemnado. —

Depois o homem ergueu-se; pegou na pallieta e nos pinceis, e começou a pintar a tela retesada e alvacentada.

Era o *GRÃO VASCO*, que principiava a sua obra divina: *O Menino entre os Doutores*.

Ainda hoje em Macau se vê certa gruta, onde um cavalleiro portuguez costumava passar horas inteiras. Que fazia elle alli, sósinbo? — Não o sabia o vulgo: mas sabia-o Deus: — sabem-no hoje os que como elle nasceram para erer, e amar, e padecer, e soffrer, e legar á posteridade uma pequena parte da sua vida intima, um ou dous sons das melodias do céu. Que fazia alli o cavalleiro? Curtia amargura e saudades. A imagem da patria via-a surgir pouco a pouco; e abraçava-se com esta sombra, que tanto amou. Então as procellas da sua a-

ma asserenavam; e elle repetia uma estrophe do seu largo hymno da terra natal. Depois vinha a noite, e a tempestade de agonias de novo lhe entenebrecia o coração.

Este cavalleiro era um pobre soldado, por nome LUIZ DE CAMÕES que fez um livro de trovvas. Ninguém o conheceo serião outro pobre homem, chamado Diogo do Couto. Veio à corte: não houve quem fizesse caso delle. Tambem Lisboa abundava nesse tempo em *espiritos bem nascidos*, poetas que vós conheceis de nome, ou nem de nome. O trovador sumiu-se no meio do esplendor das glorias contemporaneas, e — como era de justiça litteraria — morreu sobre a enxerga fetida de um hospital.

Mas que fazia Affonso Domingues, traçando na mente o desenho da Batalha? Que fazia o Grão-Vasco quando combinava sobre a tela os traços do seu pincel vigoroso? Que fazia Luiz de Camões, rimando na gruta de Macteau as estrophes das Lusiadas?

Eram tres poetas arrebatados, cada um por seu pensamento. Eram tres homens que criam.

Como os antigos prophetas cediam á voz de Deus, quando no meio do povo trovejavam ameaças de vingança; como o martyr dos primeiros seculos do Christianismo, arrastado por uma convicção intima, dava testemunho do Verbo entre as dores do supplicio; assim o poeta do marmore, o poeta da tela, o poeta da linguagem rythmica, cediam a um pensamento poderoso, que os constringia a revelarem por via d'expressões sensiveis o que existia só nas suas intelligencias.

## II

Sim! — A arte consiste em traspassar fragmentos do mundo ideal para o mundo real. O mister do artista é dizer ás multidões: — Vide as existencias que Deus lançou no meu espirito; existencias que, ou não as ha entre vós, ou que, se as comparardes com as que vos rodeam, são gigantes, quer no bem, quer no mal; quer no bello, quer no disforme; quer no suave, quer no terrivel. Examinae se ha ali nas da terra as dimensões ou a intensidade das que estavam escondidas nos seios da minha intelligencia. O meu universo será o que povoam os anjos; será o que habitam os demonios; será, se quizerdes, um sonho de febricitante; mas não é, de certo, o mundo em que vós vos arrastaes. O meu universo é immenso, nas suas individualidades, nas suas combinações, nas suas harmonias.

Aquelle que *pode e sabe* dizer isto, de modo que as turbas o comprehendam, é quem verdadeiramente se deve chamar poeta, ou, com mais exactão, artista.

O *substratum* da arte é um só; o *ideal*. As suas expressões é que são varias: — as *formas*. Ha, pois, em cada obra artistica tres elementos distinctos, e todavia inseparaveis: — o *ideal* — o *poeta* — a *forma*.

Da-lhe o primeiro a substancia: o segundo as condições absolutas: a terceira as condições relativas, dependentes do mundo material. O ideal é o mysterio; o poeta é o vidente; a forma é a revelação escripta.

Os pedantes da philosophia disseram á Trindade do Evangelho: — Mentira! — Os pedantes das poeticas dirão á minha trindade: — Anathema! —

E todavia o Evangelho fallava verdade.

## III.

Quem primeiro disse, que o homem era um foragido na terra, poz o dedo sobre a ulcera mais dolorosa deste corpo moral, chamado o genero-humano. A' força de se tornar trivial, esta verdade eterna, que resume todo o espirito do Christianismo, deixou de o ser para muitos. D'ahi nasceu o materialismo. Mas a sublime philosophia do barro, e da podridão passou; porque era de barro e podridão, e a humilde verdade do Nazareno, porque era eterna, tornou a fechar na mão os corações dos homens. D'ahi o caracter grave e solemne da litteratura actual: d'ahi o desprezo da vida; d'ahi as galas de que, para tantos, parece a morte vestir-se: d'ahi, até, as exaggerações, que são inevitaveis, quando os animos desandam na carreira porque se atiravam.

Qual é aquelle que, assentado, por noite de luar e serena, sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos apoz esse grande vulto das aguas, tremulas e prateadas, ou pelas solidões profundas do firmamento, onde, largo, em roda da lua, scintillam milhares d'estrellas, todas derramadas e perdidas na immensidade do espaço, que é como um atomo, sumido no seio de Deus? Quem então não crê, como na vida jamais creou? Quem então não sente que está no fundo de um calabouço, d'onde divisa a custo a consoladora luz do Sol? Quem não deixa então escorregar pelas faces algumas lagrymas, e não sonha um mundo melhor? Quem não solta então, um gemido de saudade angustiada, e não diz ao Senhor: — Meu Deus, meu Deus! — dá-me a patria, que eu vi; porque é a minha patria?

Em tal momento o homem crê — espera — e bendiz o sepulchro.

Esta vida, sonhada pelo que *escuta* o silencio da noite, é uma parte do mundo ideal do poeta: — e poeta será sobre a fraga marinha

todo aquelle que tiver coração para amar, e entendimento para crer.

A patria, porém, que envergámos, quando na solidão estivemos a sós com Deus, é a da esperança — é o Céu. A harpa do Psalmista, ou de Lamartine, a revela. Mas o ideal do poeta aiada é mais amplo que o céu. As alturas e o abysmo são as fronteiras d'elle: no meio estão todos os universos possíveis. Este é o imperio do genio.

D'ahi arrancou AFFONSO DOMINGUES o seu templo, o GRÃO VASCO o seu quadro, CAMÕES o seu hymno eterno. E depois cada um dos tres artistas deitou-se no leito do derradeiro repouso. Foram tres benções celestes, que alegraram a terra.

Hoje ninguém sabe com certeza onde é que jazem as cinzas dos tres Homeros da arte portugueza. Muitos sabem onde é que repousam os restos de mil nobres abastados, que nasceram — comeram — e morreram!

Paz seja com os ossos delles.

Façamos, porém, um corte no ambito do mundo ideal. O globo em que vivemos, collocou-o da parte de fóra a mão da Providencia.

A'men!

#### IV

Um pensamento dominante, e o crer fortemente são as condições subjectivas e absolutas da composição artistica. Estas põe-nas o poeta.

A arte, como dissemos, nada mais é que o vazar em moldes sensíveis inspirações de cima. O poeta, quer escreva no papel, quer no marmore, quer na tela, quer nas cordas de uma harpa, é na cadeia dos entes o anel que une o céu com a terra; o ideal com real, o espirito com a materia. D'ahi nasce a unidade nas obras da arte; não a unidade inepta e impertinente de Aristoteles, e dos poetas d'arcadias e academias; mas a unidade do pensamento, a unidade que vem por condição absoluta da mente do artista, a unidade que resulta da synthese do ideal, antes deste ser revelado pela expressão material; a unidade, enfim, que o poeta não calcula, que lhe sae da intelligencia, espontanea, inteira, perfeita, como Minerva da cabeça de Jupiter.

E' este pensamento, esta unidade, que corre e se incarna por todos os membros da obra artistica, e que serve para explica-la: — é o verbo d'ella, a sua razão d'existencia. O drama, a pintura, o poema, não é um facto; é uma idea, que as multidoes sentem, mas não percebem, e que os fazedores de poeticas e de criticas nem sentem, nem percebem. Esta idea ressumbra na primeira estrophe do poema, na

primeira harmonia da peça musica, no primeiro vulto do quadro, e transfunde-se por toda a composição, e liga-a, e converte-a em uma só.

Crer é a outra condição absoluta da arte. Forço so é que o poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar um certo numero d'existencias, analogas a esse pensamento, e que valham a representa-lo, quando descerem ao mundo positivo, expressas na linguagem, que este póde entender — as formas. Aquelle a quem Deus não despartiu o genio d'artista vive na terra, vê-a, palpa-a, e morre; mas o poeta vive tambem, e vê, e palpa, não só o mundo pequenino, e morto, e cuberto d'ulceras dos politicos, e dos vereadores, e dos belforinheiros de monumentos alphabetados, mas aiada mais vezes o ideal, onde ha o typo perene e completo de que o real apenas é imagem grosseira, e enfesada, e rachytica. O ideal, todavia, não o vêem os olhos, vê-o a intelligencia; é, pois, necessaario crer nelle. O ideal não o demonstra a razão; narra-o a consciencia. Quando o artista duvidasse desse mundo, que Deus creou para elle — e na sua plenitude só para elle, nesse mesmo instante deixaria de ser artista, e poderia ir comprar votos para eleitor, deputado, ou professor da Polytechnica.

Um pensamento dominante, e vivamente crido, é o que constitue, repetimo-lo, a unidade da obra d'arte. Todas as mais podem em certos cazos ser condições formaes ou objectivas; mas como subjectivas e absolutas, são um sonho absurdo.

Quereis a unidade? — Buscae-a nos poemas dos tres principes da arte portugueza: buscae-a na *Batalha*, no *Menino entre os Douloures*, e nos *Lusiadas*.

#### II

#### V

Que concepção ha ali que eguale a de S. Maria da Victoria, livro immeuso, livro de marmore, onde está escripta a poesia de uma geração inteira! Bella, como os tempos que descreve, é essa larga epopéa de João I.º, que nos deixaram FERNÃO LOPES e AZURARA; mas se a compararmos á de Affonso Domingues, á epopéa da *Batalha*, como ella fica pallida e morta! Que é a chronica de palavras ao pé da chronica de pedra! Parece que ainda hoje restringe nos nossos ouvidos o bater das espadas portuguezas nos elmos castelhanos; parece que ainda hoje reboea nos ares o estourar das portas de Ceuta, e relampagueam as centelhas dos ferros pulidos das lanças, enristadas em combate do decimo quinto seculo; parece que ainda retumbam por nossos mares desertos os brados dos galeotes das naus, que então os aravam. Tudo isso se agita, e falla, e vive ao

redor de nós, quando acabamos de ler a escriptura do patriarcha da nossa historia e do seu continuador.

Mas se olhaes para a Batalha, então é que sentis que o architecto pôde o que não poderam os poetas-chronistas. Em breve espaço encerra o edificio um seculo. Este está ali todo porque a li está o seu espirito, o seu pensamento, a sua unidade moral — o crer na gloria e em Deus. Os cavalleiros de João 1.º *creram*. Eis o que nos diz a Batalha. E estas poucas palavras, cuja significação é immensa, estão escriptas em cada panno do muro, em cada fresta esguia, em cada columna, em cada arco pontegudo, cujo vertice o artista atirou para os ares como um suspiro de proscripto, arremessado por cima do oceano para as praias da patria. *Crer* é a victoria d'Aljubarrota, é a defensão de Lisboa, é a conquista de Ceuta; e o mosteiro da Batalha é a expressão sensível, o typo apparente desse verbo intimo daquelles homens generosos dos fins do seculo quatorze, que, segundo resam velhas chronicas, parece que foram nossos avós.

O pensamento era de toda uma geração. O genio que o revelou foi um só. Ca na terra, chamavam-lhe Affonso Domingues, o *mestre imaginador*.

Que quadro é esse, que ali está, obra de verdadeiro pintor, rico de cores, de harmonias, de posturas escolhidas com intelligencia, de impressões, tanto para a alma do artista, como para as do vulgo? É o *Menino entre os doutores* do Camões da pintura, do velho Vasco; é um propheta entre os saduceus e phariseus, o precursor clamando na solidão, um oasis no areal, um poeta em academia. Jesus, ainda infante, pelega com os sabios da lei, aniquila-lhes os argumentos, emmudece-os, convence-os, desespera-os. Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos para ver, coração para sentir, entendimento para perceber. Mas diz sómente isto? — Não. Ao artista diz que ha ali em cada postura de membros, em cada gesto, em cada ruga dessa multidão de frontes expressivas, um pensamento de poeta: — o nada do saber humano ante a sciencia de Deus, expresso na lucta das duas sabedorias.

Abri os Lusíadas; vede o primeiro, o quinto, o ultimo canto; a primeira, ou a ultima estancia de qualquer delles, ou de qualquer outro. Que pensamento achais lá, embebido em cada verso, em cada phrase do divino poema do bom soldado da Africa e da India! A gloria da patria. E' esse pensamento, que lança no mesmo cadinho poetico façanhas passadas de Affonso Henriques e façanhas presuppuestas de Sebastião; ousadias dos d'Inglaterra, e dos descobridores da India; Aljubarrota e Salado;

Ignéz, e Maria; Egas Moniz e Martin de Freitas; Vasco da Gama e Adamastor: não como foram na historia, mas como Camões os viu na sua idealidade de poeta. Glorias do velho Portugal ali estão todas; macissas, vivas; mas idealizadas. E que dizem lá os entendedores, os carpinteiros das poeticas? Que dizem a regra, o compasso, o cortamão, o li-vel?

» Que o poema não tem unidade d'acção.....»

E' pena!

» E que Aristoteles, e Horacio e Vida, e Boileau, e o padre Freire... ..»

*Beati pauperes spiritu!*

## — VI. —

Agora quereis vós saber qual foi a philosophia da critica litteraria e artistica durante dous mil annos? — Dir-vô-lo-hei.

Um Dia Aristoteles lembrou-se de fazer um livro sobre algum objecto de que não entendesse. Pegou no calamo e escreveu:

*Ποιητικόν*

Depois, como diz um seu commentador, foi estudar a arte nos saraus, banquetes, e tertulias d'Athenas. O logar era o mais apto possível. Lá, no fundo de um odre ou nas visagens de um truão, achou a diffinição da arte: veio para casa, e lançou sobre o papyro uma palavra fatal:

*Μίμνησις!*

A Grecia abaixou a cabeça, e respondeu!

E depois veio um poeta romano, cujas nobres inspirações tinham chegado á altura das tabernas e dos lupanares, e escreveu uns poucos de versos desordenados, que aprouve aos criticos chamar — Arte-poetica. Estes versos assentaram sobre a palavra de Aristoteles. Debaixo da cerviz cavallar, e do ourinol, e dos guisades antropophagos d'Atreu, e do nariz torto, e das sanguessugas d'Horacio, estava escripta essa palavra fatal.

E Roma abaixou a cabeça á voz do poeta das amphoras e das prostitutas, e respondeu; *Imitatio!*

Quando, nos principios do seculo dezesseis renasceu a litteratura grega, romana e pagã, e morreu a da idade media, nacional e christã, bradaram os eruditos em grego, em latim, em portuguez; e em todas as linguas da Europa: —

A arte é a imitação da natureza.

Este axioma repetiu-se até os nossos dias.

Está, por tanto demonstrado que o Parthenon d'Athenas, o Collisem de Roma, as Pyramides do Egypto, os cantos de Tirteu, os deuses, os heroes, os centauros, as sereas d'Homero, as bolgias e o Ugolino do Dante, os arabescos da Alhambra, e do Vaticano, as fadas e os gigantes e os griphos d'Ariosto, foram imitações da natureza.

Aristoteles lá está bradando do topo de dous mil annos: *in meliorem rem*

*Miserere!*

Abraçadas com o porte altissimo em que o tempo empalou o pobre philosopho, as academias, e eschola respondem cá debaixo: *Imitação!*

Se Deus desse a esta gente a faculdade de pensar, ao menos cinco minutos por dia, era mais um acto da sua infinita misericordia.

Para a outra vez as fórmãs da arte.

*A'páidulos.*

CHRONICA THEATRAL

POUCO interesse, ou antes pouca novidade offereram os nossos theatros durante a passada semana. —

No Theatro Normal foi novamente á scena o SINEIRO DE S. PAULO sendo o papel do Medico *Albinos* desempenhado pelo Sr. Vianna, que em tendo mais desembaraço, e chegando a adquirir mais facil e natural gesticulação será um actor de valia; é muito incho e assaz novo no tablado, e os muitos defeitos que por ora se lhe notam não o deverã descorçoar, pois que a par delles brilham boas qualidades, e estas se aperfeicoam em quanto aquelles se perdem. Continua esse bello drama a ser applaudido. — Na farça Os Doidos, mostraram-se os actores menos possuidos dos seus caracteres do que nas outras vezes. — LUÍZA DE LIGNEROLES continua com boa fortuna.

No THEATRO DE S. CARLOS debutou sexta feira a 1.ª Dançarina a *signora CARLOTA DE VECHI* em um *Pas-de-deux* com Mr. THEODORE. — Não emittiremos ainda uma opinião decisiva acerca do merito desta artista: — um debute não é sufficiente, não é proprio para delle se colher um conceito, pareceu-nos contudo que a Sr.ª DE VECHI não é dançarina de *prima forza*, e que não professa o delicado gosto francez, mas o italiano.

Nas lojas seguintes se acha a venda o JORNAL DO CONSERVATORIO, e nas mesmas se recebem assignaturas.

Viuva Henriques, Rua Augusta N.º 1  
Bordallo, Rua dos Capelistas  
Rua da Prata N.º 109.

Assignatura por trimestre - - - 400 rs.  
Avulso - - - - - 40 rs.

## Espectáculos.

### Da Semana Corrente.

THEATRO NORMAL.			THEATRO DE S. CARLOS.		
Dias	Dramas	Comedias	Dias	Operas.	Danças.
Dom.º	Os 16 Annos	O Enredador = Ensaio d'uma Tragedia	Dom.º	Roberto do Diabo	Entrão pela ultima vez M. lles Clara e Adocli.
3.ª fr.ª	os dous Renegados	Os Doudos	2.ª f.ª	Parisina	Portuguezes em Tangere entra pela ultima vez o Sr. Theodore.
4.ª fr.ª	O Camões do Rocio	O Bom Amigo	4.ª fr.ª	"	"
5.ª fr.ª	O Camões do Rocio	O Bom Amigo	5.ª fr.ª	"	"

LISBOA: NA TYPOPHAPHIA DE J. F. DE SAMPAIO.

Patco do Salema N.º 13.